

**A AINDA ATUAL IDÉIA DA CORDIALIDADE BRASILEIRA: RETOMANDO-
SE O DEBATE**

**THE STILL CURRENT IDEA OF THE BRAZILIAN CORDIALITY:
RESUMING THE DEBATE**

Antônio Kaminski Alves¹

RESUMO: A formação do povo brasileiro, a idéia das “raças”, de “nação”, e da “inteligência brasileira” pode ser melhor compreendida a partir da leitura de obras que são verdadeiros documentos sociológicos sobre o Brasil. *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda está entre elas. A obra já foi muito lida, contudo, devido a pertinência da reflexão realizada pelo historiador, a mesma encontra-se ainda na ordem do dia e há alguns textos que dialogam sobre o posicionamento do autor que merecem ser retomados pela condição de debate que propõem sobre o tema da chamada cordialidade do povo brasileiro e nos levam a escritura de outros textos.

Palavras-chave: Cordialidade brasileira, gestão pública, debate.

ABSTRACT: The formation of the Brazilian people, the idea of “races”, “nation” and “Brazilian intelligence” can be better understood by the reading of works that are, in fact, sociological documents about Brazil. Among these works is *Raízes do Brasil* (1936), by Sérgio Buarque de Holanda, which had been much studied in the past. However, due to the relevant analysis carried out by the historian, it is still on the agenda, and some of its texts show the author’s position, which should be resumed, because they favor both the debate on the issue of the so-called cordiality of the Brazilian people and the production other texts.

Key words: Brazilian cordiality, public management, debate.

¹ (FVJ - Faculdade do Vale do Jaguaribe – Paranaíba - Ceará), antoniokamiski@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo reflete sobre o conceito de “homem cordial” discutido por Sergio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, 1ª edição de 1936. A expressão “homem cordial” foi apresentada pela primeira vez por Ribeiro Couto², para quem a cordialidade seria a tributo brasileiro à obra da civilização. Segundo Candido foi o historiador Sergio Buarque de Holanda quem deu “fundamento sociológico”, à expressão “homem cordial”. O autor de *Raízes do Brasil*, em capítulo denominado “O Homem Cordial” aborda sobre a forma como se manifesta o homem brasileiro na vida social, na linguagem, nos negócios, tratando também sobre a religião e a exaltação dos valores cordiais. Entretanto, quando atribui ao homem brasileiro o adjetivo “cordial”, parece deixar margem a alguns questionamentos, vindo à tona na voz de Cassiano Ricardo (1948) pela primeira vez na revista *Colégio*, n. 2. São Paulo, onde Cassiano Ricardo questiona o problema do conceito, segundo ele, mal formulado.

A partir da concepção de que a palavra não pode ser destituída de suas raízes históricas, Cassiano Ricardo começa a estruturar uma série de contra argumentos em relação à discutível proposta de cordialidade que Sergio Buarque de Holanda acredita ser uma das mais primordiais características do povo brasileiro:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A Ihanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro. (HOLANDA, 1963, p.136).

Cassiano Ricardo argumenta que o adjetivo “cordial”, tanto pode ser entendido para sentimentos positivos como sentimentos negativos, e que se referem a sentimentos “que provêm do coração” e isto, pode ser atribuído a todos os povos, não sendo exclusividade do brasileiro. Como ilustra Sérgio Buarque de Holanda.

² Ribeiro Couto, “nascido em Santos, SP, Couto ficou conhecido como fundador do Penumbismo – que não chegou a ser uma escola, mas, como ele mesmo definiu, ‘uma certa atitude reticente, vaga, imprecisa, nevoenta, no jeito de escrever versos’ por volta dos anos 1920 a 1923 – e por ser o autor de *Cabocla* (1931), romance duas vezes adaptado para novela de televisão. [...] seu nome se ligou para sempre ao de Sérgio Buarque de Holanda”. (BEZERRA, Elvia. *Ribeiro Couto e o homem cordial*. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>. Acesso em 03 de junho de 2009).

Nesse capítulo, “O homem cordial”, Holanda procura sobre o modo como o povo brasileiro se comporta diante das mais variadas situações que o cercam no cotidiano e nas suas relações sociais tais como: o Estado, a Igreja e a própria família e atribui isto aos princípios fundadores da “família patriarcal”.

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje. (HOLANDA, 1963, p.139).

O historiador adota de Gilberto Freyre a idéia de que o Brasil produziu uma "civilização singular" e "inverte" a análise de Freyre, defendendo que essa "civilização", e seu "tipo humano", o "homem cordial", é, na realidade, o nosso maior problema social e político.

“O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade.” (HOLANDA, 1963, p. 140).

“Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos.” (HOLANDA, 1963, p. 141).

Holanda faz uma leitura sobre o comportamento do homem brasileiro, concluindo, ser esse mais simpático, mais prestativo, mais gentil e mais facilmente levado pela emoção: características essas gabadas por estrangeiros que nos visitam, segundo o autor. No entanto, no mesmo texto contradiz-se: “Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualística da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez.” (HOLANDA, 1963, p. 137).

Diante dessa visão de cordialidade do povo brasileiro, que aceita, submete-se e afaga estrangeiros e seus contemporâneos, Cassiano Ricardo questiona e discute o texto de Holanda, assinalando que o “lúcido ensaísta”, primeiramente caracterizava como cordial nossos gestos de “ihaneza” e logo depois acrescenta que a polidez não é a nossa forma de convívio social, contrariando assim suas próprias observações sobre o povo brasileiro, uma vez que cordial justamente é sinônimo de polido. Por essa razão de controvérsia do autor, Cassiano Ricardo, sugere como equívoco a analogia de cordialidade com brasileiros, até porque seria um tanto arriscado afirmar que essas virtudes de possuir um “bom coração” significassem não sentir hostilidade, desprezo, ódio ou inimizade, pois, essas não são necessariamente características somente do

brasileiro, podendo ser atribuídas também a outros povos: “A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração.” (RICARDO, 1948, p. 189).

Existe ainda a questão da semântica da palavra, que talvez tenha sido o “grave deslize” de Holanda, pois a expressão “cordial” apresenta um caráter de duplicidade de sentido.

A expressão “simphaty” de acordo com Cassiano Ricardo seria então a mais adequada para a substituição do adjetivo “cordial”, uma vez que esta não remeteria sempre a auxílio, proteção e apoio, pois dentro do esclarecimento de que a cordialidade não remete apenas à generosidade, fica claro que outros sentimentos como hostilidade podem “nascer do coração”.

Na continuidade do ensaio, Holanda apresenta argumentos para explicar o comportamento do homem brasileiro. Segundo ele, desde o antigo Império, o laço da família é uma das amarras que precisam ser rescindidas das características do brasileiro, para que se saiba diferenciar o espaço privado do espaço público. Mas, buscando entrar na discussão mais diretamente, onde está o cerne da noção de homem cordial? Sérgio Buarque de Holanda afirma logo, buscando evitar más compreensões: a referida “cordialidade” não se trata, necessariamente, de uma referência direta ao significado literal da expressão.

Essa análise também é contestada por Cassiano Ricardo, a partir do momento que ele observa que a bondade não é adquirida, ela é natural no brasileiro, como a todo ser humano. O que realmente identifica o brasileiro segundo ele “é o não ter capacidade para ser inimigo, cordial ou não.” (RICARDO, 1948, p. 208).

Ao referir-se à cordialidade, o historiador buscava enfatizar uma característica marcante do modo de ser do brasileiro, segundo seu entendimento: a dificuldade de cumprir os ritos sociais que sejam rigidamente formais e não pessoais e afetivos e de separar, a partir de uma racionalização destes espaços, o público e o privado.

Observa-se que o processo político brasileiro esteve e continua totalmente impregnado do princípio da “cordialidade” de que trata o historiador, basta dizer que a maioria do eleitorado brasileiro ainda aceita o clientelismo e a compra de votos e vê como natural as atitudes de homens públicos que se beneficiam a si próprios e a seus familiares da função ou cargo que lhes confere poder.

Mais do que uma espécie de indivíduo, a cordialidade perpassa, em maior ou menor escala, a todos os atores sociais no Brasil.

Em *Raízes do Brasil*, o autor posiciona-se negativamente sobre fenômenos como a dificuldade do homem brasileiro que ao assumir o poder não distingue o espaço público do espaço

privado, como por exemplo, lançar mão de compadrios para beneficiar-se nos negócios, na política e em outras diversas situações.

Para Sérgio Buarque de Holanda a noção de “homem cordial” funciona como uma “ideia-motriz” da gestão pública brasileira, isto é, uma característica própria de “perceber a relação entre mercado, Estado e sociedade, onde o Estado é visto, a priori, como incompetente e inconfiável e o mercado como local da racionalidade e da virtude”. (HOLANDA, 1963, p. 135).

Cassiano Ricardo toma o tema para debate no final da década de 1940, vale à pena ressaltar alguns pontos de concordância entre os dois autores no que diz respeito à cordialidade observada por Holanda e, em alguns pontos aceita por Cassiano Ricardo a respeito do adjetivo “cordial”:

-“Estamos elaborando uma civilização de fundo mais emotivo de que a outros povos.” (RICARDO, 1948, p. 197).

“- Somos mais propensos a ideologias do que a idéias.”(RICARDO, 1948, p. 197).

-“Detestamos a violência porque o nosso estilo de vida é de mansidão social.”(RICARDO, 1948, p.197).

-“Somos individualistas, mas o nosso individualismo encontra corretivo natural na bondade específica dos brasileiros.” (RICARDO, 1948, p. 197).

Observamos que Cassiano Ricardo não discorda plenamente de Holanda com relação à idéia de “homem cordial”, ele apenas discorda de que a expressão usada para definir a nossa contribuição específica para a cultura do mundo seja a de “homem cordial”, além do que o adjetivo “cordial” cria ambigüidades de interpretação para o caráter do brasileiro.

É importante perceber que as proposições levantadas por Cassiano Ricardo levam Sérgio Buarque de Holanda a reexaminar o conceito de “homem cordial” para a segunda edição de *Raízes do Brasil*.

Cabe dizer que, pela expressão cordialidade, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o Sr. C. R., quando prefere falar em bondade ou em homem bom. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha por um lado a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas a obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. (HOLANDA, 1969, p.213 - 2ª edição de *Raízes do Brasil*).

O debate prossegue na segunda edição, quando Holanda faz uma réplica a Cassiano Ricardo na edição nº 3 da revista *Colégio*, mesmo veículo de que se servira Cassiano Ricardo quando apontou a questão do conceito mal formulado:

Não tentarei analisar em pormenores suas interessantes considerações sobre o *homem cordial* publicadas no nº 2 de *Colégio*. Creio que nunca chegaríamos a entendimento perfeito acerca de alguns aspectos tratados e vejo que será inútil esmiuçar todos os pontos de sua réplica, além disso, acredito que nossa divergência se reduz em parte a uma questão de palavra. Devo dizer que não me agarro com unhas e dentes à expressão cordial, que mereceu suas objeções. Se dela me apropriei foi na falta de melhor. (HOLANDA, 1969, p. 214).

Cassiano Ricardo registra na revista *Colégio* que se sente satisfeito, ao serem reconhecidas como não discrepantes suas observações e em tempo, servirem para redefinir, ou redimensionar o sentido de “homem cordial”, como reflexão da cultura brasileira, talvez, livrando-a de certo tom pejorativo.

Sérgio Buarque de Holanda, no desfecho de *Raízes do Brasil* reflete sobre quais seriam os próximos passos da sociedade brasileira em busca de um saneamento de personalismo e de falta de ordenação e racionalização quanto à gestão pública. Segundo o historiador a gestão pública no país, sobretudo, não consegue desligar-se dos vícios senhoriais. Ante a constatação da sociedade brasileira posta nestes termos, vítima de uma estrutura arcaica, que segundo Sérgio Buarque de Holanda é a culpa maior de sua “insuficiente modernidade”, busca o autor uma saída para esta situação, vista por ele na radical ruptura com a tradição. O autor entende que a nossa “insuficiente modernidade”, fruto da colonização lusa, uma vez que, como bem lembra, Portugal, quando do descobrimento não havia ingressado na modernidade, gerou um “atraso” civilizatório que deveria ser reparado. A saída para que se repare este “mal” seria, na visão de Sérgio Buarque de Holanda, a racionalização do Estado e da vida política em geral.

Nesta perspectiva, a leitura destes textos, independente das áreas de conhecimento, traz a tona o debate sobre a formação de uma intelectualidade brasileira e, sobretudo, como são ditadas as regras no campo da política, da educação e dos negócios no Brasil do passado e que infelizmente revigoram no contexto contemporâneo, uma vez que a noção de “homem cordial” aparece no atual discurso de nossas representações políticas nos mais variados níveis.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Elvia. *Ribeiro Couto e o homem cordial*. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>. Acesso em 03 de junho de 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Brasília: MEC, 1963.

_____. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1969.

_____. “Carta a Cassiano Ricardo.” In: revista *Colégio*, nº 3, São Paulo, setembro de 1948.

RICARDO, Cassiano. “Variações sobre o homem cordial”. In: revista *Colégio*, nº 2, São Paulo, julho de 1948.